

ZÓZIMO BULBUL

FC – Fale do tratamento dado ao negro no cinema brasileiro.

ZÓZIMO BULBUL – O tratamento é o mesmo dado pela sociedade em geral: preconceito, racismo velado, mas contundente. Desde o início, o cinema no Brasil já começou a mostrar o negro fazendo palhaçada. Ninguém, a não ser no período do Cinema Novo, dignou-se a escrever um papel sério para o negro. Essa é uma das mágoas que tenho. O próprio Grande Otelo, um dos nossos melhores atores, é sempre visto nos piores papéis. É sempre o palhaço, nunca se interessam pelo talento dramático dele. Mesmo nas chanchadas da Atlântida, fazia sempre dupla com o Oscarito ou com o Ankito – nunca o Grande Otelo sozinho. Aliás, ele é o único que não ficou rico com o trabalho dele.

FC – Mesmo em filmes que assumem posições reivindicatórias, o negro não aparece muito. Sendo o Brasil um dos países com maior população negra no mundo, como você explicaria isso?

ZÓZIMO – Como já disse acima, no Brasil não se escrevem filmes para atores negros. Mesmo em *Lúcio Flávio*, que aborda a marginalidade nos centros urbanos, o principal personagem é um louro. Na primeira fase do Cinema Novo ainda houve uma tentativa. Lembro do Pitanga filmando *Barravento* com o Glauber na Bahia, mas foi coisa muito rápida.

FC – Em *Compasso de espera* do Antunes Filho, você mesmo representou um intelectual negro que se apaixonou por uma estudante branca.

ZÓZIMO – Este filme surgiu da discussão de que o cinema no Brasil está nas mãos do branco; de que pouquíssimos negros conseguem dinheiro para dirigir ou produzir alguma coisa. O Antunes então, pegou essa bandeira. Eu tinha uma parte do roteiro e ele outra: juntamos tudo e partimos para a realização. Meu personagem é o negro que entra para a universidade e, na medida em que vai se intelectualizando, perde contacto com a sua base, entra num processo de branqueamento. Esta é a questão principal do filme: ele frequenta o meio branco, trabalha, é paternalizado e se acomoda. O envolvimento afetivo com a estudante branca despertará todos os tipos de rejeições, que se manifestam no final com alto grau de violência. Só a partir daí o personagem toma consciência do racismo existente e da impossibilidade do envolvimento com uma branca. Foi um filme muito boicotado, inclusive por ser fotografado em preto e branco. Por abordar o tema negro com profundidade, foi considerado filme de arte, dificultando seu lançamento. Apenas três cópias para o Brasil inteiro! Além disso, ficou retido 3

anos na Censura, alegaram tudo pra não liberarem o filme... Em 1973 houve a liberação e, para surpresa nossa, todas as alegações foram arquivadas. Quer dizer: a partir daquela data já não havia mais preconceito no Brasil...

FC – Num filme mais recente, *Giselle* – 1980 do Vitor Di Mello, o seu personagem é completamente diverso: não passa de um símbolo sexual, apanhando até de chicote num ritual sado-masoquista...

ZÓZIMO – É um trabalho que eu não queria fazer, mas o Vitor insistiu muito e eu acabei aceitando. Já esse filme, cheio de orgias mal feitas, teve um lançamento nacional com 80 cópias! Um sucesso!

FC – Você já sofreu algum tipo de discriminação no meio de cinema?

ZÓZIMO – Já, e de um diretor que hoje é meu amigo, o Antônio Carlos Fontoura. Eu me lembro que ele não me chamou para o papel título de *A rainha diaba* porque me achava muito bonito para interpretar um marginal... Quer dizer: eu não seria representativo da minha própria raça! Aliás, o Fontoura depois reicindiu no mesmo erro: seu outro filme, *Cordão de ouro*, que mostra a capoeira como uma dança de resistência cultural negra, foi feito com um branco, e que nem era ator.

FC – Fale agora do seu trabalho como diretor.



Milton Gonçalves. Antonio Pompeo. *Parceiros da aventura* – 1979 de José Medeiros.

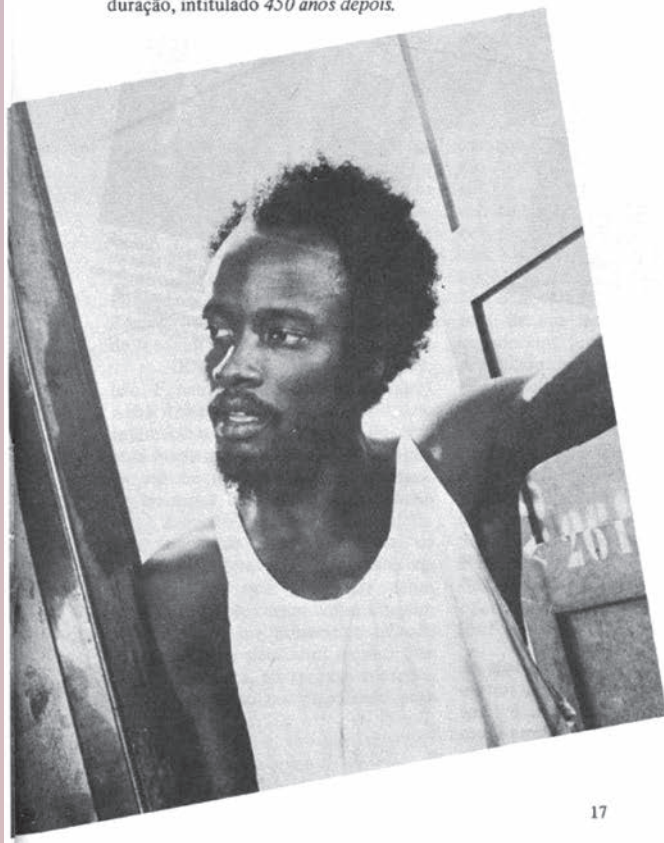


**ZÓZIMO** – Meu primeiro filme, *Alma no olho*, foi um exercício de direção sobre as condições de existência do negro desde que veio da África para a América. Um filme artesanal, baratíssimo. Quando ficou pronto em 1974, me recomendaram não mandar o filme para a Censura em Brasília porque a época andava meio brava e corria o risco de não passar. Então eu viajei para os Estados Unidos e exibi em diversas universidades, tendo inclusive vendido cópias para comunidades negras. Depois, continuei a exibi-lo na Europa e quando voltei ao Brasil em 1977, inscrevi na Jornada de Curta-Metragem de Salvador. Não tive nem dinheiro para aparecer por lá e foi no Rio que recebi a notícia que o filme ganhara o primeiro prêmio. Eu acreditava que com isso, *Alma no olho* ia estourar, mas acabou não acontecendo nada. Teve exibição comercial pra cumprir a lei e ficou nisso. *Artesanato do samba*, dirigi a quatro mãos com a Vera de Figueiredo. Em 1980, fiz *Dia de alforria*, curta sobre o velho Aniceto do Império Serrano. Este filme tem como subtítulo *Memória brasileira nº 1*, porque essa cultura que os 85 anos do Aniceto representam, vai desaparecer e ser substituída por outra, provavelmente importada. Tenho ainda um projeto de longa-metragem sobre o negro no Brasil, um *Alma no olho* com duas horas de duração, intitulado *450 anos depois*.

**FC** – Qual sua opinião sobre outros filmes brasileiros dirigidos por negros?

**ZÓZIMO** – Uns eu acho que estão perdidos, outros estão tentando. O Antônio Pitanga, por exemplo, com *Na boca do mundo* não enfocou bem a posição do negro na nossa sociedade. O curta do Joaquim Teodoro *Um crioulo brasileiro* – 1979, ressentido de um pouco mais de coragem para enfrentar o problema. *Um é pouco, dois é bom* – 1971, longa de Odilon Lopez realizado em Porto Alegre, é muito bom. Foi apresentado no Festival de Guarujá e a platéia vibrou. Esse filme mescla Chaplin e Fellini, tocando fundo na problemática da classe média negra. Pena ter sido lançado apenas no Rio Grande do Sul e algumas cidades paulistas. Tem também *As aventuras amorosas de um padreiro* do Valdir Onofre, realizado no subúrbio carioca de Campo Grande.

entrevista a Cléa Cury



17

**ZEZÉ MOTTA**

**FC** – Na sua opinião, o cinema brasileiro vem empregando atores negros de maneira contínua?

**ZEZÉ MOTTA** – Eu não fiz muito cinema. Sempre atuei em papéis pequenos, *Cléo e Daniel*, *Um varão entre as mulheres*, *A força de Xangô*, *A rainha d'aba*, *Cordão de ouro*, *Tudo bem* . . . – com a exceção de *Xica da Silva* e *Vai trabalhar vagabundo*. Na verdade, um ator negro só é convidado quando o filme tem um tema histórico onde o negro teve alguma participação. Mesmo assim, a maioria desses filmes focaliza o negro de maneira distorcida. No Brasil não se escreve para o ator negro. O aparecimento de autores negros também seria muito importante . . . Portanto, o trabalho do ator negro acaba não tendo continuidade. A maioria tem uma carreira parecida com a minha: são sempre pequenas aparições: Jorge Coutinho, Ruth de Souza . . .

**FC** – A Adele Fátima e a Julciléa Telles trabalham em filmes eróticos do tipo *A gostosa da gafeira*, que usa a mulata como objeto sexual. O que você acha disso?

**ZEZÉ** – Enquanto objeto sexual, o ator negro tem trabalho, principalmente em filmes pornôs. Eu até já aceitei esse tipo de trabalho. Mas, de repente, me dei conta de estar sendo conivente com quem pretende manter o negro marginalizado. Alguns diretores reclamam que o ator negro é mais duro que os outros, mas isso é uma consequência do desemprego. O ato de representar tem de ser exercitado.

**FC** – Você já sofreu algum caso de discriminação racial?

**ZEZÉ** – Em *Xica da Silva* houve um certo desentendimento com um dos produtores que queria para papel uma mulata, uma Xica mais embranquecida. Ele me achava muito feia, dizia que eu não era do tipo que agradava executivo. . . Em 1977, com o filme, eu ganhei quase todos os prêmios como atriz, mas nem por isso fui convidada a estrelar outro filme, nem apareci em nenhuma capa de revista. Falo sem mágoa, mas minha carreira de cantora decorre disso.

entrevista a Cléa Cury